

A biopolítica a serviço da barbárie

Dissertação aborda testemunho de Pierre Seel, homossexual perseguido pelo nazismo

MARIA ALICE DA CRUZ
halice@unicamp.br

Eu, Pierre Seel: deportado homossexual. Com este título, o francês radicado alemão Seel (1923-2005) quebrou o silêncio de sobreviventes da perseguição nazista, revelando no livro momentos vividos no campo de concentração e no pós-guerra. Se durante muito tempo os judeus foram tratados como as vítimas preferenciais do nazismo, Seel mostrou, décadas depois da deportação, como a biopolítica foi usada para justificar as barbáries cometidas também contra os homossexuais. O testemunho de Seel, já distribuído em versão inglesa, francesa e espanhola, foi traduzido para o português durante a pesquisa de mestrado de Tiago Elídio, sob orientação do professor Márcio Seligmann-Silva, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (IEL). A publicação da tradução só depende do interesse de alguma editora brasileira em editar o material. “É um trabalho pesado, pois revela uma história triste, sangrenta, mas a publicação seria muito importante, já que o Brasil é um dos primeiros países no ranking de violência contra homossexuais. É importante recuperar a memória desse passado de repressão e relacionar com o presente”, explica Elídio.

Diferentemente do que aconteceu com os judeus, nenhuma lei foi criada para conter a perseguição aos homossexuais, pelo contrário. “Enquanto as leis anti-semitas caíram, as normas contra os homossexuais continuavam em vigor”, explica Tiago. Este foi um dos motivos pelos quais Seel e outros sobreviventes silenciaram, esperando uma oportunidade para revelar mais uma das atrocidades do nazismo e fazer reconhecida também a deportação desse grupo social.

Com a anexação da Alsácia, que pertencia à França, pela Alemanha, cidadãos franceses passaram a ser controlados também pelo Código Penal 175 do governo alemão, que condenava o homossexualismo. Nesse momento, muitos jovens, entre eles Seel, que trabalhava com confecção de roupas, assinaram um documento que os tornava cidadãos alemães e foram em defesa da Alemanha na guerra. Ao ser percebida a homossexualidade, alguns jovens foram levados para os campos de concentração, mas para surpresa, ou não, o ambiente era dividido em redes de solidariedade, às quais eles, identificados por um triângulo rosa ou, no caso de Seel, uma tarja azul, não eram aceitos. Isso fez com que, dentro de um sistema carcerário repleto de pessoas na mesma situação, eles fossem estigmatizados e vivessem uma situação de isolamento, conforme relatado no livro, segundo Tiago. Um trecho do testemunho contido no livro revela as impressões de Seel diante de tal situação: “Os acampamentos eram consti-

tuidos por redes segundo afinidades diversas, políticas, às vezes, o que diminuía um pouco o isolamento e a dureza do cotidiano. Eu não fazia parte de nenhuma dessas redes de solidariedade. Com minha faixa azul, rapidamente compreendida por meus companheiros de infortúnio, eu tinha consciência de que eu não tinha nada a esperar deles: o delito sexual é uma carga adicional na identidade carcerária. Eu pude verificar isso mais tarde, quando passei um tempo visitando uma prisão em Rouen. No universo dos detentos, eu era um elemento completamente desprezível, uma minúcia ameaçada de ser sacrificada a todo o momento, sem alma, segundo as exigências aleatórias dos nossos carcerários.”

Perseguição

A impossibilidade de ser quem realmente era levou Seel a se casar com uma mulher, com a qual teve dois filhos. Mas ao tomar conhecimento do testemunho de outro sobrevivente, décadas depois da experiência no campo de concentração, o operário decidiu assumir sua sexualidade e escrever seu próprio testemunho. Iniciou de forma anônima, segundo Elídio, a partir de um manifesto contra o discurso em que o bispo da Alsácia, monsenhor Elchinger, tratava o homossexualismo como uma doença. Constava do documento: “Eu, ao ouvir o discurso desse bispo da minha terra natal, me dirigi à minha cama. Assustado, aterrorizado, indignado. Os homossexuais, doentes? Eu tinha que reagir. A cólera me submergia. Era preciso acabar para sempre com tais discursos. E para isso, testemunhar, dizer tudo, exigir reabilitação do meu passado, desse passado que é também o de muitos outros, esquecidos, ocultos nas horas negras da Europa. Testemunhar para proteger o futuro, testemunhar para acabar com a amnésia dos meus contemporâneos. Romper de uma vez por todas meu anonimato; fazer uma carta aberta ao monsenhor Elchinger.”

O primeiro manifesto pouco ecoou, mas a despeito da pouca repercussão, Elídio garante que o testemunho de Seel foi decisivo na questão da visibilidade, da memória e do reconhecimento dos homossexuais como vítimas do nazismo. “Eu me senti libertado de um pesado segredo”, depõe Seel no livro. Em sua autobiografia, Seel diz ter lançado mão de uma série de coisas para que sua deportação e de outros homossexuais pelos nazistas fosse reconhecida. O autor dizia se lembrar de uma jovem, atrás de uma mesa de escritório, que havia deixado de anotar seu apelido quando à palavra deportado ele acrescentou o termo homossexual. O autor pediu que a jovem continuasse sua petição, mas ela levantou-se bruscamente, aturdida, e chamou sua superiora. “Ela me tomava por louco? Um fabricante de farsas? Meu arquivo de deportado não existia mais: a palavra ‘homossexual’ havia sido pronunciada e convertida em nula a própria deportação. O que ela ignorava, em sua ingenuidade, é que foi exatamente isso o que eu vivi”, segue o livro.

Até que ele lançou seu primeiro trabalho autoral, denunciando de vez a situação dos homossexuais na França. As palavras de Seel foram analisadas por Elídio dentro da perspectiva da escrita autobiográfica, mostrando que esse desnudamento de si através da escrita representa uma grande mudança identitária. “Seel saiu de um silêncio envergonhado para se tornar um nar-

rador com voz ativa, trazendo, assim, seu testemunho”, acrescenta Elídio.

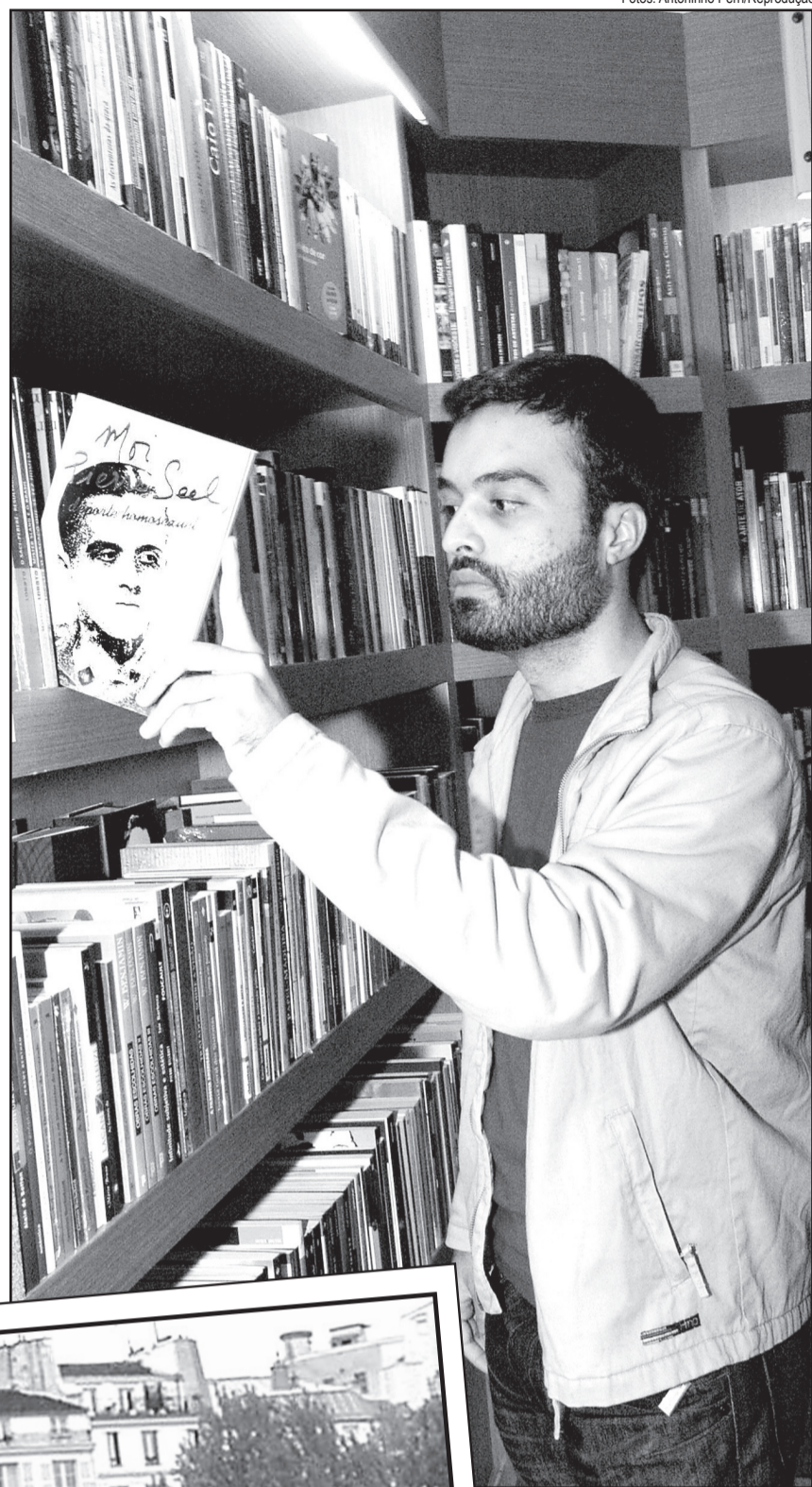
Ao comparar as narrativas dos judeus à da sexualidade, Elídio observou que a homossexualidade tem entre as questões notáveis a distância temporal. “Apesar de ter sido concluído em 1988, o livro só pode ser publicado no início da década de 1990, pois após a guerra não podiam contar o que se passou com eles durante o nazismo”, explica Elídio. Além da solidão no campo de concentração, havia o risco de distanciamento pela sociedade, pela família. Em vez de abolidas, as leis aumentavam. Em 1960, na França, uma emenda considerava a homossexualidade como uma praga social, ao lado da prostituição, do alcoolismo e da tuberculose. Os homossexuais permaneciam mal vistos pela sociedade. Somente na década de 1970, a possibilidade de denunciar começa a ser formada na cabeça dos sobreviventes, com as mobilizações sociais, como a Frente Homossexual de Ação Revolucionária (1971); depositado pela primeira vez ramos de flores em memória dos homossexuais no Dia Nacional da Deportação (1976); primeira Parada do Orgulho Gay em Paris (1977 e 1978); primeiros festivais de cinema com temática homossexual; e criação das revistas *Gay Masques* e *Gai Pied* (1979). As mobilizações deram resultado: a lei contra os homossexuais foi revogada pelo presidente François Mitterrand, em 1982.

“Raça pura”

Dentro da abordagem da biopolítica, fundamentada em estudos do filósofo e historiador francês Michel Foucault, Elídio constata que as atitudes dos nazistas em relação aos homossexuais estão ligadas ao discurso da raça pura. “Para Foucault, a biopolítica se dirige, em suma, aos acontecimentos aleatórios que ocorrem numa população considerada em sua duração. De acordo com o filósofo-historiador, trata-se sobretudo de estabelecer mecanismos reguladores que, nessa população global com seu campo aleatório, vão poder fixar um equilíbrio, manter uma média, estabelecer uma espécie de homeostase, assegurar compensações”, esclarece.

Esses discursos, na opinião de Elídio, se inseriam na vida e no corpo dos indivíduos, sem que eles tivessem como reagir. Apesar da conscientização maior, por meio de testemunhos como o de Seel, a violência ainda segue impune em alguns países que reconhecem o direito à homossexualidade, e o preconceito ainda pune com pena de morte pessoas que se revelem gays. Segundo Elídio, no Brasil, onde a homossexualidade não é condenada por lei, foram assassinados em 2009, segundo levantamento feito pelo Grupo Gay da Bahia, 198 homossexuais, 9 a mais que em 2008 (189 mortes), ano em que já havia tido um aumento de 61% em relação a 2007 (122). “Isso faz do país o campeão mundial de crimes contra os gays”, reforça Elídio.

Segundo levantamento feito pelo jornalista francês Philippe Castetbon (2010), a relação entre pessoas do mesmo sexo ainda é ilegal



Tiago Elídio, autor da dissertação, na livraria do IEL: “É importante recuperar a memória desse passado de repressão”



Pierre Seel: testemunho de repercussão mundial foi traduzido por Elídio

em 83 países, sobretudo na África. Desse total, sete países, Mauritânia, Sudão, Arábia Saudita, Irã, Iêmen, Nigéria e Somália, usam a pena de morte como condenação.

Diante desses números, a tradução e o estudo de Elídio contribuem para a rememoração desse passado, oculto por muito tempo, cujos resquícios são notáveis até os dias atuais, pois a perseguição aos homossexuais não terminou com o fim da guerra. “Continua na maioria dos países, passando por vários níveis de homofobia, pois, ainda hoje, muitas pessoas relacionam homossexualidade à doença, à perversão e à imoralidade e muitos ainda são perseguidos e mortos por esse motivo”, acrescenta Elídio.

Segundo o pesquisador, a história dos homossexuais continua não sendo tão conhecida quanto à dos judeus, mas este ano foi lançado um filme inspirado na vida de Pierre Seel. Durante uma viagem realizada à França, Elídio percebeu que a iniciativa do autor em contar a experiência no campo de concentração e no pós-guerra agradou aos filhos. Um deles, com o qual o pesquisador teve contato, disse que se sentia orgulhoso da atitude do pai.

As edições estrangeiras do livro, distribuídas nos Estados Unidos, na Alemanha, na Espanha e na França, registram tiragem de 20 mil exemplares. Na França, a obra foi republicada quatro vezes.

Conquista

Segundo Elídio, o estado francês, por meio do então primeiro-ministro Lionel Jospin, reconheceu em abril

de 2001 as perseguições que os homossexuais enfrentaram durante a Segunda Guerra Mundial. Em 2005, o fato foi evocado pela primeira vez durante a cerimônia do Dia Nacional da Lembrança da Deportação, pelo então presidente Jacques Chirac. “Nesse mesmo ano, alguns meses depois, Pierre Seel faleceu, aos 82 anos. Seu grito, no entanto, não cessou com sua morte e continua a ecoar...”

“Nós estávamos em 6 de novembro de 1941. Um duplo segredo acabava de se selar de uma só vez: o do horror nazista e o da vergonha de minha homossexualidade. De vez em quando, um olhar caía sobre mim, cheio de interrogações sobre meu aspecto famélico. Em que eu havia me transformado em seis meses? Eu era, portanto, homossexual? Que me haviam feito passar os nazistas? Por que haviam me libertado? Essas questões naturais, ninguém as colocava. Mas se alguém tivesse feito, eu não teria respondido: eu estava preso ao meu duplo segredo. E a esses olhares silenciosos, eu levei quarenta anos para responder.” (Pierre Seel, tradução de Tiago Elídio)

Artigo

ELÍDIO, T. Deportação nazista de homossexuais: uma viagem à dor e ao Silêncio. *Palimpsesto*, N. 7, 2008 (on line).

Publicação

Tese “A perseguição nazista aos homossexuais: o testemunho de um dos esquecidos da memória”

Autor: Tiago Elídio
Orientador: Márcio Seligmann-Silva
Unidade: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)

Serviço

Livro: *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel*.
Autor: Pierre Seel
Coautor: Jean Le Bitoux.
Editora: Éditions Calmann-Lévy, 1994.